

SEMEAR, OUVIR, FLUIR / 2020

de Irina Oliveira

Uma viagem contemplativa pela beleza do mundo através da montagem de texturas e exploração plástica da imagem. Estes são breves flashes da vida como sonhos por um olhar apaixonado e sensível pelo cosmos.

WRECKIN' CLEMENTINE / 2020

de Miguel Grazina e Cláudia Fernandes

Perante uma pandemia, Cláudia e Miguel veem-se fechados na mesma casa durante dois meses onde contam histórias, pintam e ganham uma nova perceção do tempo e deles mesmos.

PLANT LOVERS / 2021

de Edgar Santos

Esta é a história de um casal de plantas que viveu toda a sua vida dentro do mesmo vaso. Até que certo dia, alguém as decidiu separar. Tudo farão para restaurar a sua felicidade.

UNHIDDEN / 2021

de Mafalda Amorim

Numa viagem ao mundo pequeno e à sua descoberta, observamos pormenores e hábitos de mais de seis espécies diferentes. Levando o espectador a um mundo que não conseguimos ver a olho nú, podemos imaginar as vidas dos insectos que nos rodeiam e criar personalidades para os mesmos.

GLIMPSES OF A SHATTERED DREAM / 2020

de Tiago Sanches

Um espírito reprimido retorna ao mundo físico numa tentativa de encontrar uma prova da sua existência.

LÁ, ONDE ACHEI QUE FICARIA PARA SEMPRE / 2021

de Inês França e Joana Schurr

Trabalho sensorial que explora a relação do consciente e do subconsciente a partir de conceitos como a memória, a sensibilidade, a infância e o trauma, assim como as suas implicações na construção de personalidades e no tempo presente.

CONTRAFOGO / 2020

de Carolina Vieira

Uma auto representação, através de um jogo de sombras entre o sujeito e a família.

Cópia: da ESAD.CR, em DCP, versões originais / **Duração total da sessão:** 92 minutos

Sessão com apresentação

Os filmes apresentados reúnem o biénio 2019-20 e 2020-21 produzidos e realizados pelos alunos finalistas de Som e Imagem da ESAD.CR.

Surgem em condições particulares para todos nós. O desconhecido despoletado pela pandemia e por um vírus bárbaro e implacável, a ‘clausura’ dos confinamentos gerou uma necessária reorganização das nossas atitudes criativas e de observação do mundo. Foi com estes constrangimentos e ‘novos normais’, que a invenção e necessidade de expressão se afirmou.

Estes filmes são fruto de constrangimentos, mas nem por isso menos livres ou visionários nas suas abordagens. Poderia até dizer que, na procura de formas de suplantar as adversidades, a originalidade e um novo olhar despontou e afirmou-se, como atestam os prémios obtidos!

Todos, não só os presentes, mas todos os envolvidos na produção de filmes / Exposições / livros e Eps, procuraram não só dar resposta a um enunciado lectivo, mas a uma possibilidade de se revelarem, expurgarem e trazerem à tona as suas expressões, olhares e estares. A escola, promove esse encontro, e mesmo neste desencontro forçado de meios e pessoas, foi necessário fazer emergir estratégias para que esse encontro acontecesse – creio (é essa a minha leitura) que de certo modo a ligação e partilha entre todos permitiu, a cada um desenvolver-se individualmente.

A viagem poética, e extremamente sensorial da Irina Oliveira (‘Semear, Ouvir, Fluir’) leva-nos a um estado de contemplação atenta e maravilhada, a água que passa às cores das estrelas. Essa linguagem, sensível e própria, não a impediu de chegar a ‘outros’. O Cinema é um acto de partilha. Temos de o dar a ver para que exista.

‘Wrecking Clementine’, do Miguel Grazina e da Cláudia Fernandes, coloca-nos no centro do confinamento. Um casal jovem, numa bolha forçada, lida com as suas inseguranças e forças e necessidades de expressão. Sem rodeios, num espaço sem tempo – suspensos.

Foi com expectativa que vi surgir vários e bons projectos de animação. A animação é um trabalho laborioso e, a mais dos casos, solitário – talvez por isso tenham também aparecido mais projectos de animação nestes conturbados anos. A animação do Edgar Santos (‘Plant lovers’), centra-se num público mais jovem, o qual necessita de propostas assertivas de linguagem clara, a sua simplicidade narrativa e visual é desarmante.

O universo microscópico da Mafalda Amorim (‘Unhidden’), revela a organicidade e a globalidade que pode haver na riqueza dos pequenos insectos, ao escavar num pedacinho do seu jardim. Como diz Bresson “Escava nesse lugar. Não deslize para outro sítio. Duplo, triplo fundo das coisas”. Há um mundo a acontecer quando escolhemos olhar.

‘Glimpses of a Shattered Dream’ de Tiago Sanches, é uma ficção evocativa, estranha mas ao mesmo tempo lúcida, de questões que tentamos ignorar e que a forma do cinema nos ajuda a colocar e tentar responder.

A Joana Schurr e a Inês França, construíram ao longo destes três anos uma imagética própria, uma ligação provocativa das imagens e sons para o seu filme ‘Lá. Onde Achei que ficaria para Sempre’. A relação com as memórias e traumas, a relação com o corpo e a sexualidade, tudo se entrança num tecido pictórico que tende a não explicar, mas deixar uma marca.

Por fim o filme da Carolina Viera. Tão simples! Tão lindo! A sua construção dos elementos primordiais do cinema através de um jogo de sombras (o seu próprio corpo), mas e sobretudo, a dinâmica de espectador-participante em que a sua família participa com ela. O Ecrã como o local de ilusão, e congregação.

Todos os filmes que não couberam nesta mostra merecem ser referenciados. Nestes dois anos particularmente difíceis, foram muitos e diversos, mostrando essa urgência e vontade de afirmação.

O esforço criativo é particularmente importante na afirmação e vida. Reforço a ideia de que é necessário criar para afirmar que se está vivo! O Cinema é a vossa (nossa) escolha – encontremos, pois, as vias para o continuarem a fazer os vossos filmes.

Isabel Aboim Inglez
Coordenadora da Licenciatura de Som Imagem da ESAD.CR